

Para que serve a Cimeira pela Democracia?

Hoje é o autoritarismo que está ao ataque e a democracia que está à defesa. E é por isso que os tempos já não são de promoção da democracia. Pelo contrário, são de protecção da democracia.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 15 de Dezembro de 2021

Todos os índices internacionais que avaliam o estado da democracia são unânimes: a democracia está hoje em regressão e sob ataque em todo o mundo. Com a emergência internacional de regimes autocráticos e a erosão interna dos regimes democráticos. Isto é, está sob ataque a democracia e está sob ataque a ordem internacional liberal.

De acordo com [o último relatório da Freedom House](#), há quinze anos consecutivos que se regista um declínio sistemático dos direitos políticos e das liberdades cívicas em todo o mundo. E não é só o endurecimento político interno dos regimes autocráticos, como a Rússia ou a China, é também o seu revisionismo internacional apontando para um mundo pós-democrático. É a multiplicação dos golpes militares de que o Sudão, o Myanmar ou a Tunísia são apenas os últimos exemplos. É o regresso dos *talibans* ao Afeganistão.

Mas é também, nos regimes democráticos, o crescimento do populismo e a erosão da democracia: o ataque à liberdade de imprensa e à independência do poder judicial, o reforço dos executivos e o enfraquecimento dos parlamentos, o recurso à polarização política e a negação da legitimidade do adversário. E, em casos extremos, o uso da manipulação eleitoral e a recusa de aceitar os resultados das eleições.

Trump fez tudo isso e mais do que isso: “flirtou” com os ditadores e hostilizou os aliados democráticos. Biden compreendeu que a democracia estava em perigo dentro e fora de portas. E, ainda candidato, colocou esse objectivo no centro do seu programa: “a vitória da democracia e do liberalismo sobre o fascismo e a autocracia”. E num ensaio que então publicou na revista *Foreign Affairs* anunciou que, uma vez Presidente, organizaria uma cimeira global pela democracia.

Um ano depois de eleito [cumpriu a promessa e realizou a cimeira](#). Em formato virtual, como convém em tempos de pandemia, decorreu a semana passada, 9 e 10 de Dezembro. Reuniu mais de 100 Estados, organizações internacionais e actores da sociedade civil. Tratou três temas: a defesa contra o autoritarismo; a luta contra a corrupção; e o respeito pelos direitos humanos. E Biden anunciou que a Casa Branca está a preparar com o Congresso um pacote de 424 milhões de dólares em favor da democracia no mundo: para defender eleições livres e justas; apoiar *media* independentes; lutar contra a corrupção; ajudar activistas; e combater o autoritarismo digital.

Esta primeira cimeira é vista como o lançamento de um processo cuja avaliação de resultados deverá ser feita numa segunda cimeira dentro de um ano em formato

presencial. Mas que resultados se podem esperar e que significado pode ter a Cimeira pela Democracia?

Como seria de esperar a cimeira decorreu sob uma chuva de críticas. Umas com razão, outras sem ela. São duas, as mais importantes. Primeiro, vindas dos sectores democráticos, os critérios para o convite. Tomando a classificação dos índices que avaliam a democracia, por exemplo a *Freedom House*, a grande maioria dos convidados são países “livres”. Mas cerca de 30% são apenas “parcialmente livres” e há mesmo três que são “não livres”: Angola; República Democrática do Congo e Iraque. Ora, este critério elástico da democracia descredibiliza o processo e afecta os resultados. Tem razão esta crítica e, nestes casos, melhor seria um convite não aos governos, mas aos movimentos cívicos que lutam pela democracia nesses países. Segundo, vindo dos sectores autoritários, a acusação de que se trata de mais um exercício de dominação política e hegemonia ocidental.

É certo que a defesa da democracia no plano interno tem uma tradução internacional na defesa da ordem liberal. E que num contexto de rivalidade entre os EUA e a China, a clivagem entre democracia e autoritarismo tem uma dimensão geopolítica e de procura de alianças. Mas convém lembrar que ao contrário do que acontecia há décadas em que a democracia era triunfante e a ordem liberal reinava, hoje, a democracia está em regressão e a ordem liberal em crise. E que a fraqueza da democracia é a força do autoritarismo.

Hoje, é o autoritarismo que está ao ataque e a democracia que está à defesa. E é por isso que os tempos já não são de promoção da democracia. Pelo contrário, são de protecção da democracia. E é isso que, apesar de todos os erros que precisa de corrigir, dá sentido à Cimeira pela Democracia.

<https://www.publico.pt/2021/12/15/opiniao/opiniao/serve-cimeira-democracia-1988578>